

TÍTULO DA PALESTRA: A FESTA DE *CORPUS CHRISTI* E A IRMANDADE DE SÃO JORGE NO SÉCULO XVIII (22/11/2006)

*Beatriz Catão Cruz Santos*¹

RESUMO:

A palestra realizada no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro foi uma oportunidade de retomar a investigação realizada até o ano 2000 para o livro *O Corpo de Deus na América* (Annablume, 2005) e, simultaneamente, apresentar novos dados sobre a Irmandade de São Jorge situada na cidade do Rio de Janeiro.

Através de um breve histórico da festa de *Corpus Christi*, sublinhou-se o fato desta festa medieval ter sido apropriada pelo Estado Moderno, tornando-se uma cerimônia régia. No contexto da monarquia portuguesa, a organização da festa e procissão cabia sobretudo ao Senado da Câmara (Câmara Municipal). Este órgão era responsável pelo enquadramento espaço-temporal daquela festa, que sofria a intervenção de outros agentes e instituições, como a Irmandade de São Jorge, surgida na cidade em 1741.

O objetivo era dar “carne e osso” àquela gente que, através da irmandade, participava da festa de *Corpus Christi* no Rio de Janeiro do século XVIII. A partir dos dois compromissos da agremiação (1757, 1791) e outros documentos da mesma época, foi possível elaborar novas conclusões. Deveriam fazer parte da Irmandade de São Jorge, os ofícios que tivessem loja aberta na Corte de serralheiro, ferreiro, cutileiro, espingardeiro, latoeiro, funileiro, caldeireiro, ferrador, espadeiro, dourador e barbeiro, ou seja, os ofícios do ferro e fogo. Em 1791, incluem-se os tanoeiros, picheleiros e seleiros.

A irmandade incorporava homens e mulheres, livres e cativos. Estes últimos se integravam a ela através do ofício, apesar da instituição, como outras da sociedade colonial, atualizar os critérios de “limpeza de sangue” excluindo na letra do regulamento os “Judeus, Mouros, negros e mulatos”. Como a maior parte dos oficiais mecânicos, os devotos de São Jorge agremiados na irmandade tinham acesso restrito aos poderes locais. No entanto, tinham papel destacado na festa de *Corpus Christi* da cidade do Rio de Janeiro. Eles contribuía de forma particular para a unidade político-religiosa elaborada pela festa, representada simbolicamente pela presença conjunta diversos corpos sociais.

¹ Professora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Atualmente, desenvolve a pesquisa “Cantos comuns: ofícios, irmandades e vilancicos no Rio de Janeiro do século XVIII” com apoio da Fundação Biblioteca Nacional.